



## A FRONTEIRA NA PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICA: UMA ILHA, DOIS MUNDOS

Rosa Martins Costa Pereira<sup>1</sup>

### RESUMO

Esse texto tem como propósito realizar uma leitura geo-fenomenológica sobre a fronteira entre o Haiti e a República Dominicana. Essa discussão tem como base uma reflexão gestada durante viagem da pesquisadora à ilha caribenha. Essa experiência nos impeliu a pensar que a história de ambos os países estão tão entrelaçadas que a compreensão de um lado da ilha é extremamente prejudicada na ausência do outro. A análise tem como base a noção de espaço aéreo (Dardel, 2011), lugar (Relph, 2012), lugaridades (Holzer, 2013) e o sistema analítico-social de cinco aspectos proposto por Diamond (2007). Pretende-se contribuir para a discussão do potencial epistemológico presente em estudos que articulam as categorias geográficas com a perspectiva fenomenológica.

**Palavras-chave:** Fronteira, fenomenologia, lugaridades.

### ABSTRACT

This text aims to conduct a geo-phenomenological reading on the borderland between Haiti and the Dominican Republic. This discussion is based on a reflection gestated during the researcher trip to the Caribbean island. This experience prompted us to think that the history of both countries are so intertwined that understanding from one side of the island is extremely impaired in the absence of the other. The analysis is based on the notion of airspace (Dardel, 2011), place (Relph, 2012), placeness (Holzer, 2013) and the analytical and social system of five aspects proposed by Diamond (2007). It is intended to contribute to the epistemological discussion potential in studies that articulate the geographical categories with the phenomenological perspective.

**Keywords:** Borderland, phenomenology, Placeness

### 1 INTRODUÇÃO

As trajetórias do Haiti e da República Dominicana estão entrelaçadas

---

<sup>1</sup> Doutora em Geografia pela Universidade do Paraná. Mestre em Geografia e Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal de Rondônia. Coordenadora do Núcleo de Educação, Migração e Direitos Humanos do Grupo de Pesquisa em Educação, Filosofia e Tecnologias GET/IFRO.



geograficamente por compartilharem uma única ilha, ainda que “a contragosto”, como afirma Gates Júnior (2014, p.173) para quem há 360 anos essas populações “se encaram”, cada uma em seu pedaço e suas culturas “não poderiam ser mais constrictantes”.

O limite fronteiro entre Haiti e República Dominicana constitui-se numa linha no sentido Norte-Sul. Enquanto a superfície terrestre da República Dominicana é de 48.734 km<sup>2</sup>, o Haiti possui 27.750 Km<sup>2</sup> de superfície terrestre. Já se observa que o Haiti ficou no menor “pedaço” da ilha.

Esse texto tem como propósito realizar uma leitura geo-fenomenológica sobre a fronteira entre o Haiti e a República Dominicana. Essa discussão tem como base uma reflexão gestada durante uma viagem à ilha caribenha. Essa reflexão nos impeliu a pensar que a história de ambos os países estão tão entrelaçadas que a compreensão de um lado da ilha é extremamente prejudicada na ausência do outro.

A análise tem como base a noção de espaço aéreo (DARDEL, 2011), lugar (RELPH, 2012), lugaridades (HOLZER, 2013) e o sistema analítico-social de 5 aspectos proposto por Diamond (2007).

Neste estudo, não se pretende definir a fronteira entre esses dois países apenas como um limite físico, demarcados por pontos localizáveis, ainda que isso seja também necessário, mas buscamos compreender uma geograficidade do lugar ou, de forma específica, lugaridades pelas quais essas populações construíram processos identitários, especialmente em contraponto à outra. Com essa discussão, pretendemos compreender melhor o lugar haitiano na ilha caribenha.

## **2 FRONTEIRA NA PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICA: UMA LEITURA**

O termo “fronteira” evoca uma polissemia de compreensões. Enquanto algumas remetem à “barreira”, “limite”, “divisória”, outras indicam “fluidez”, “interpenetração”, “mobilidade”. De todo modo, o estudioso de processos migratórios não pode se abster da discussão sobre fronteira.

Ainda que a ciência geográfica já compreenda que a experiência de lugar de uma pessoa é afetada por sua mobilidade, o geógrafo que olha a fronteira com os óculos da fenomenologia enfrenta dificuldades para suportar suas análises por causa da escassez



de estudos que apliquem essa abordagem.

Considera-se que o sentido literal da noção de “fronteira” teve origem no reinado de Adriano, imperador de Roma, cujo símbolo foi a construção de uma muralha, a chamada “muralha de Adriano”, com o objetivo de proteger o território sob domínio romano da invasão de “bárbaros”. Uma vez que Roma já teria esgotado sua capacidade de expansão era preciso preservar o que já fora conquistado. O *limes*, definido pela muralha de Adriano e pelas fortificações construídas para defendê-la, demarcou por muitos séculos a fronteira entre Inglaterra e Escócia.

A vinculação da fronteira à soberania nacional foi desenvolvida na modernidade e o projeto colonial ampliou a noção de espaço nacional ao planeta. Um símbolo dessa vinculação foi a Doutrina Monroe, lançada pelo Presidente estadunidense James Monroe em 1823 que previa uma “América para os americanos” e justificou a política intervencionista e colonialista dos Estados Unidos para a América Latina e Caribe. Interessante é perceber que o então Secretário de Estado Americano, John Kerry, anunciou em novembro de 2013 o fim da “Doutrina Monroe” na política estadunidense, mas nesse mesmo ano, apenas seis meses antes, afirmou também que a América Latina e o Caribe eram o “quintal dos Estados Unidos”. Advém dessa ideia o fato de que se remete e restringe à noção de “América” somente aos Estados Unidos, realizando o que Dussel (1993) chamou de “encobrimento no outro”, no caso, os latinoamericanos e caribenhos.

Para Águas (2013) com a globalização os teóricos passaram a estudar as fronteiras nacionais na perspectiva de um mundo “sem barreiras”, “sem fronteiras”. As críticas a essa leitura enriqueceram o debate com análises sobre a circulação de mercadorias em detrimento das pessoas, processos de desterritorialização, reterritorialização, interpenetração de culturas, microfronteiras e a visão de fronteira como interface. Independente da abordagem de análise da fronteira, todas possuem como agente aglutinador o poder e, portanto, sua análise não pode se abster de ter um suporte nas relações políticas que demarcam o jogo entre similitudes e diferenças.

Nesse sentido, o pouco enfrentamento de estudos fronteiriços na perspectiva fenomenológica pode ter como origem uma dificuldade com a análise sobre as relações



entre poder e fenomenologia e uma causa recorrente é polarização indivíduo e Estado. Assim, nos estudos fronteiriços com enfoque fenomenológico, a primeira fronteira experimentada é a epistemológica. Consideramos que a geografia deve ser a ciência por excelência a se incluir nesse debate.

Marandola Júnior (2011) afirma que a geografia tem oferecido uma contribuição perene aos estudos migratórios que envolvem processos de expulsão de populações (origem dos fluxos) e as transformações espaciais no local de destino. Hoyaux (2007) estuda os aportes teóricos e metodológicos fornecidos pela fenomenologia à geografia na relação do homem com o espaço. Essa relação pode ser entendida tanto como construção territorial (o homem no espaço) quanto como constituição ontológica (o homem com ele mesmo).

Em nossa tentativa de abordagem fenomenológica da fronteira, consideramos, antes de tudo, a fronteira como um lugar que tem como ponto de partida as possibilidades desse conceito, formuladas por Relph (2012).

- a) **Lugar como reunião:** em seu contexto, o lugar é um objeto, um evento ou uma experiência. Também pode estar relacionado às diferenças entre os contextos (esta sala, esta montanha, minha casa).
- b) **Localização:** característica não essencial ao lugar, embora seja comum. Ser localizável não significa estar imóvel. Um avião ou website são localizáveis, mas não estão imóveis sob uma base fixa. Relph diz que é preciso ter cautela na designação do que seja lugar, os websites são lugares virtuais, mas estão de forma simultânea em todos e em nenhum lugar, o que altera os princípios da experiência de lugar.
- c) **Fisionomia do lugar:** é a forma do lugar, sua aparência, seus elementos. Relph afirma ser difícil ser esta uma forma óbvia de compreender a diferença entre os lugares, ainda que seja difícil uma definição comparativa entre os elementos que constituem cada lugar.
- d) **Espírito de lugar:** ideia que advinda da crença de que certos lugares foram ocupados por deuses ou espíritos cujas qualidades sobrenaturais são percebidas e



a presença é reconhecida por meio de cerimônias religiosas e construções. Igrejas e templos são geralmente identificados pelo espírito do lugar.

e) **Sentido de lugar:** capacidade de apreciar lugares e apreender suas qualidades.

f) **Raízes e enraizamento:** lugar muitas vezes é entendido como o “onde” se tem raízes, o que sugere pertencimento, mas também imobilidade. Entretanto, a teoria rizomática de Deleuze e Guatarri sugere que os lugares podem se reproduzir como tubérculos invisíveis, conectados a uma fonte original, assim, podemos ter raízes em vários lugares ao mesmo tempo.

g) **Interioridade:** conhecer o lugar de dentro para fora, familiaridade, diferente do turista ou do observador. Para muitos, estar em casa é forma mais intensa de interioridade.

h) **Lar:** onde as raízes são mais profundas e mais fortes, onde se conhece e se é conhecido, onde se pertence..

i) **Lugar-sem-lugaridade e não-lugar:** Lugar se refere às configurações do seu entorno, pois são focos que reúnem coisas, atividades e significados. Sempre que a capacidade do lugar de promover a reunião é fraca ou inexistente temos não-lugares ou lugares-sem-lugaridade. Essas ideias ajudam a entender o lugar pela ausência, tanto quanto pela presença. Não-lugar são ambientes construídos de forma padronizada, como supermercados, aeroportos internacionais. Entretanto, a relação entre lugar e lugares-sem-lugaridade não é de simples oposição. Qualquer parte, não importa quão uniforme seja, possuem elementos de lugar.

j) **Nós:** Advém da interpretação de lugares como “nós” de redes nacionais e internacionais.

k) **Exclusão/Inclusão:** visão construída com base na crítica política de lugar como enraizamento de indivíduos ou grupos. A delimitação do lugar a uma circunscrição geográfica pode levar a atitudes de exclusão e a um senso contaminado de lugar.

l) **Sentido contaminado de lugar:** refere-se à atitude exclusivista de lugar que a partir do enraizamento gera o preconceito e, ao extremo, resulta na ideia de “limpeza étnica”, os outros são sempre estranhos, simplesmente por serem



diferentes.

m) **Construção de lugar:** diferentes lugares só podem ser feitos por quem vive e trabalha neles, pois são tais pessoas que conseguem entender de forma conjunta as construções, atividades e significados.

n) **Fabricação de lugar:** lugar e identidade estão abertos à exploração. Identidades de lugares têm sido manipuladas e até mesmo inventadas.

Consideramos que há muita potencialidade epistemológica no estudo da fronteira como um lugar que congrega sentido, fisionomia, localização, construção, fabricação, inclusão/exclusão, enraizamento/desenraizamento, interioridade, coletividades nacionais, internacionais e transnacionais, reunião e até mesmo um lugar-sem-lugaridade ou não-lugar. Os sentidos desse “lugar” fronteiro podem ser desenvolvidos e ampliados na aplicação de estudos em um contexto singular.

Nossa hipótese de trabalho é de que se a ciência geográfica aproveitar o potencial epistemológico presente em estudos que articulam as categorias geográficas com a perspectiva fenomenológica, o conhecimento geográfico alcançará campos sem relevo para ciências que, historicamente, lideram a análise fronteira como a economia, sociologia e antropologia.

Na breve incursão analítica que nos propomos a fazer, discutiremos alguns sentidos formulados por Relph (2012) sobre a noção de lugar, tendo como aplicação o estudo da fronteira entre o Haiti e a República Dominicana com base nos cinco aspectos de análise social, propostos por Diamond (2007) e na noção de espaço aéreo em Dardel (2011) e lugaridades em Holzer (2013).

### **3 FRONTEIRA HAITI-REPÚBLICA DOMINICANA: UMA LEITURA GEO-FENOMENOLÓGICA**

Segundo Peter Burke (2004) as imagens nos oferecem evidências de práticas sociais. Por esse motivo, consideramos muito reveladora a imagem abaixo na qual



podemos observar que a complexidade da fronteira entre o Haiti e a República Dominicana vai além de um limite fronteiro, mas que nele está expressa, de modo muito real, a sua crueldade.

**Figura 1:** Fronteira Haiti e República Dominicana



**Fonte:** [http://elmundosigueahi.blogspot.com.br/2010\\_01\\_01\\_archive.html](http://elmundosigueahi.blogspot.com.br/2010_01_01_archive.html). 02 de mar 2015

A fronteira entre Haiti e República Dominicana é um lugar de contrastes. Essa é uma afirmação recorrente entre os estudiosos do tema. Pensamos aqui nos 193 km de extensão que separam uma única ilha, mas também nos processos históricos que delimitaram a ilha em dois países.

Diamond (2007) destaca que, originalmente, as duas partes da ilha eram florestadas. Ainda que os dois países tenham “perdido” boa parte de suas florestas, o Haiti foi o país onde o desmatamento foi muito maior. Isso fica claro ao visualizarmos a figura acima. Atualmente, o Haiti possui apenas 1% do seu território com cobertura florestal enquanto a República Dominicana possui 28%. Dos sete trechos substancialmente arborizados no território haitiano, somente dois possuem proteção ambiental (como parques florestais) e ainda assim estão sujeitos à ação ilegal da exploração madeireira.



Nesse contexto, conseguimos compreender traços das consequências socioambientais dessa exploração desmedida, como a erosão e perda de fertilidade do solo, o assoreamento dos rios, a perda de proteção das bacias hidrográficas e de sua energia elétrica potencial, além da diminuição das chuvas. Evidentemente, no Haiti essas consequências são mais sentidas do que na República Dominicana, entretanto, Diamond acredita que a urgência maior dos haitianos seja a carência de madeira para fazer carvão a ser utilizado como combustível para preparar alimentos às famílias haitianas.

Ao visitar o Haiti em janeiro de 2015, a pesquisadora teve a experiência de transpor o limite fronteiriço entre Haiti e República Dominicana tanto pelo espaço aéreo como terrestre. Das duas formas, a experiência vivida torna perceptível a maior escassez do lado haitiano e o isolamento. Entretanto, é no espaço aéreo que a fronteira torna-se bem demarcada pelas características da paisagem que fornece uma visão ampla das forças e fragilidades políticas internas de cada país, como a existência e efetividade ou não de leis de proteção ambiental. Para Dardel (2011), o espaço aéreo é o espaço do “[...] frio e significa hostilidade, sofrimento, escassez, isolamento [...]” (p.24). Antes de analisar lugaridades que possam nos ajudar a compreender traços da sociedade haitiana é importante definir o termo. Lugaridade é a expressão visível da microterritorialidade (HOLZER, 2013). A nosso ver, a lugaridade articula as noções de lugar, territorialidade e mundo. Ela não está vinculada somente ao que existe, uma lugaridade por se referir a lugares que não existem mais, a “lugares da memória” (NORA, 1993) ausentes no território.

Aplicaremos, nesta análise, o sistema de cinco pontos proposto por Diamond (2007) que consiste em: a) impactos humanos no meio ambiente; b) mudanças climáticas; c) relações com as sociedades vizinhas; d) relações com as sociedades hostis e e) fatores políticos, econômicos e culturais.



	<b>ASPECTO</b>	<b>ANÁLISE</b>
	<b>Impactos humanos no meio ambiente</b>	O modelo econômico escravista marcou a gênese das formas de ocupação e ordenamento dos territórios dominicano e haitiano.
	<b>Mudanças climáticas</b>	Tanto o Haiti quanto a República Dominicana foram elencados entre os 10 países com cujo risco climático é maior. Entretanto, a situação haitiana é apresentada como mais grave, ainda que o país esteja localizado na mesma ilha em que se situa a República Dominicana.
	<b>Relação com as sociedades vizinhas amistosas</b>	Artificialidade estatal na demarcação das fronteiras entre Haiti e República Dominicana; anti-haitianismo/repulsa.
	<b>Relação com as sociedades hostis</b>	Os estudiosos haitianos denunciam que está em marcha (desde antes do terremoto) um projeto de recolonização do Haiti, agora pelos EUA, com terceirização de suas forças armadas para outros países, como o Brasil.



	<p><b>Fatores políticos, econômicos e culturais</b></p>	<p>Liberação comercial e financeira; redução de tarifas alfandegárias e invasão de produtos importados<sup>3</sup>; presença militar de diferentes “missões de paz” das Nações Unidas; políticas públicas controladas por instituições financeiras internacionais.</p>
--	---	--

**Figura 2:** Análise Haiti-República Dominicana com base no sistema de Diamond (2007)

O que o sistema de análise de Diamond propõe são caminhos de análise de aspectos gerais de uma sociedade e é nesse sentido que é utilizado nesse texto. O modelo econômico-escravista marcou, portanto, a gênese das formas de ocupação e ordenamento dos territórios dominicano e haitiano. Entretanto, no Haiti os efeitos da degradação são mais visíveis. De acordo com Prospere e Martin (2011) uma das causas para a aceleração do desmatamento no Haiti é a produção do carvão que é fonte de energia para 70% da população. A produção de carvão não possui nenhum controle pelas autoridades locais.

Há também muito em comum entre os dois países, como um histórico de governos desonestos, fracos, problemas sérios na área da saúde, educação e produção agrícola. Entretanto, para Robespere e Martin (2011) a diferença ambiental entre o Haiti e a República Dominicana se estrutura em vários aspectos como a agricultura e a economia. Ainda que ambos vivam em situação de pobreza assim como outros países colonizados pela Europa, “as dificuldades do Haiti são muito maiores do que as da República Dominicana.” (p.349).

A expressão da diferença entre os modelos de desenvolvimento implantados nesses países se concretiza no resultado de que atualmente a cobertura vegetal do Haiti possui somente 4 unidades de sua conservação e praticamente todas as montanhas estão desmatadas. Já a República Dominicana, possui 74 unidades de cobertura vegetal



conservada, cobrindo 32% do seu território.

A fronteira entre Haiti e República Dominicana também pode ser percebida como uma lugaridade discursiva. O discurso da diferença tem construído marcas culturais que não apenas demarcam os territórios da República Dominicana e Haiti, mas contribui para o que ficou conhecido como anti-haitianianismo. O regime ditatorial imposto pelo presidente dominicano Rafael Leônidas Trujillo (1930-1961), que se esforçou em representar o país com uma imagem “branca, europeia e espanhola”, empoando-se com pó de arroz, disseminou o anti-haitianianismo.

Trujillo ordenou um massacre dos haitianos na fronteira em 1937. Estima-se que 15 mil haitianos morreram nesse massacre. Rivas (apud GATES JÚNIOR, 2014) descreve que os soldados fecharam a fronteira sem prévio aviso e detiveram os haitianos do lado dominicano, na cidade de Dajabón. Os que fugiram para o rio encontraram soldados à espera que os massacraram tanto às margens quanto dentro das águas.

Nesse sentido, o preconceito é uma lugaridade que marca a zona fronteira entre os dois países. No Haiti se percebe um modo peculiar de ser negro. Ainda conforme Gates Júnior (2014, p.210) “o Haiti tinha aguda consciência de seu papel como centro putativo daquilo que mais tarde veio a ser chamado de pan-africanismo, com consciência política negra” transnacional”, o que fica claro na Constituição de 1816 quando Alexandre Pétion declara que todo africano ou índio e seus descendentes, nascidos ou não no Haiti, seriam considerados simplesmente como “haitianos”. Para Gates Júnior (2014, p. 176-7) “a República Dominicana admite seu passado indígena, mas não sua herança africana”, entendendo o ser índio como uma categoria construída socialmente que tem mais sentido com o modo de ser dominicano e não com ser indígena ou africano. Já seus vizinhos haitianos são percebidos como negros.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Propomos, neste breve ensaio, uma leitura fenomenológica da fronteira que divide uma ilha em dois países: Haiti e República Dominicana. As lugaridades que constituem



essa fronteira são marcadas por uma fabricação de lugar com base na ideia exclusivista estatal dominicana cuja política de lugar foi o discurso do enraizamento. A artificialidade estatal na demarcação das fronteiras entre Haiti e República Dominicana pode ser expressa na figura do ditador Leônidas Trujillo que se esforçou em representar o país com uma imagem “branca, europeia e espanhola”, empoando-se com pó de arroz e, ao mesmo tempo, disseminando o que ficou conhecido como anti-haitianismo.

O ditador ordenou um ataque aos haitianos que moravam às margens do Rio Massacre na fronteira entre a República Dominicana e o Haiti. Nesse lugar, havia uma convivência de certo modo pacífica entre as duas populações já que formavam famílias mistas e trabalhavam nos dois lados. Essas relações transnacionais despertavam o ódio dos nacionalistas e Trujillo fez disso um discurso da diferença, o anti-haitianismo.

Para uma definição do que seja anti-haitianismo, Scaramal (2006) destaca a *repulsa* como chave de leitura, definindo o anti-haitianismo como “ideias de abjeção ao ser haitiano” (p.87). Para a autora, a República Dominicana é o lugar de manifestação do anti-haitianismo por excelência e é também o centro de dispersão desse fenômeno por todo o Caribe.

Como se pode observar, o percurso para forjar um sentimento de dominicanidade passou pela abjeção ao povo haitiano, conformando assim a fabricação da fronteira com Identidades de lugares manipuladas e até mesmo inventadas, isto é, a fronteira como sentido contaminado de lugar.

Expostas a condições de escravidão e cruel exploração, as atuais duas repúblicas que continuam, por razões geográficas, a dividir a mesma ilha, possuem mais do que uma paisagem diferente, mas mundos distintos. A constituição dessa fronteira pode nos ensinar algo sobre o Haiti e a República Dominicana.

Viajar pode ser uma experiência fenomenológica. A vivência das tensões na fronteira, suas travessias e permanências são caminhos para experimentar o lugar e conhecer suas lugaridades. Desvela-se um sentimento no lugar anterior à formação do conceito sobre ele. Vivenciar as diferentes potencialidades epistemológicas do lugar pode nos ajudar a construir caminhos fenomenológicos.



## REFERÊNCIAS

ÁGUAS, Carla Ladeira Pimentel. A tríplice face da fronteira: reflexões sobre o dinamismo das relações fronteiriças a partir de três modelos de análise. **Fórum Sociológico**, número 23, 2013. Disponível em: <http://sociologico.revues.org/842?lang=pt>. Acesso em 30 de jun.2015.

BURKE, Peter. **Testemunha Ocular**: história e imagem. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2004.

DARDEL, Eric. **O homem e a terra**. Natureza da realidade geográfica. Trad. Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.

DIAMOND, Jared. **Colapso**: como as sociedades escolhem o fracasso ou o sucesso. Trad. Alexandre Raposo. 5 ed. Rio de Janeiro-São Paulo: Record, 2007.

DUSSEL, Enrique. **1492-O encobrimento no outro**: a origem do “mito da modernidade”. Conferências de Frankfurt. Trad. Jaime A. Clasen. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

FRONTEIRA Haiti-República Dominicana. Disponível em: [http://elmundosigueahi.blogspot.com.br/2010\\_01\\_01\\_archive.html](http://elmundosigueahi.blogspot.com.br/2010_01_01_archive.html). Acesso em: 02 de mar 2015.

GATES JÚNIOR, Henry Louis. **Os negros na América Latina**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

HOLZER, Werther. Sobre territórios e lugaridades. In: **Cidades** .Volume 10 Número 17, 2013. Disponível em: <http://revista.fct.unesp.br/index.php/revistacidades/issue/current/showToc>. Acesso em: 10 de abr. 2015.

HOYAUX, André-Frédéric. Géographie et phénoménologie: perspectives théoriques et méthodologiques autour de la proximité et de l'authenticité. In: **Colloque Usages de méthodes phénomélogiques em sciences humaines**. Hal: Liège: Belgique, mai. 2007.

MARANDOLA JÚNIOR, Eduardo. Migração e Geografia. In: **Revista bras. Est. Pop.**, Rio de Janeiro, v.28, n.1, p.245-247, jan/jun.2011.

NORA, Pierre. **Entre memória e história**: a problemática dos lugares. Trad. Yara



Aun Khoury. Projeto História, São Paulo, dez. 1993. Disponível em:

<http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/12101/8763>. Acesso em 10 de mai. de 2015.

PROSPERE, Renel; MARTIN, Alfredo Guillermo. A questão ambiental no/do Haiti: um desafio na reconstrução do país. **Revista Eletrônica em Gestão, Educação e Tecnologia Ambiental**. REGET-CT/UFSM. v(3), n°3, p. 345 - 351, 2011.

RELPH, Edward. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência do lugar. *In*: MARANDOLLA JÚNIOR, E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, Livia de. **Qual o espaço do lugar?**. São Paulo: Perspectiva, 2012.

SCARAMAL, Eliesse dos Santos Teixeira. **Haiti: fenomenologia de uma barbárie**. Goiânia: Cãnone Editorial, 2006.